

Renan Somogyi Rodrigues da Silva

Mestrando em História Social na Universidade de São Paulo (USP)

“Todo trabalho histórico decompõe o tempo passado, escolhe entre suas realidades cronológicas, de acordo com preferências exclusivas mais ou menos conscientes” (BRAUDEL, 2014, p. 44). Essa premissa enunciada por Fernand Braudel é essencial para se entender as limitações da reconstrução de uma narrativa histórica de um evento e/ou personagem. Essas insuficiências são devidas ao recorte cronológico, temático e metodológico que pelo qual o historiador opta, orientado pela sua percepção de totalidade do tema.

Tendo em mente esse prisma analítico, Vladimir Safatle selecionou alguns textos de Carlos Marighella para compor o livro “*Chamamento Ao Povo Brasileiro e Outros Escritos*” (SAFATLE [Org], 2019). Essa escolha demonstra, seguindo o pensamento de Braudel, qual é a concepção a respeito do militante comunista exposta na obra. A pergunta que resta, portanto, é: quais são os traços destacados por Safatle e por quais motivos o pensador os enfatizam?

O professor da Universidade de São Paulo (USP) deixa claro sua admiração e concordância com as ações políticas realizadas por Marighella durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), quando afirma no prefácio da obra que

Nesse sentido, é simplesmente impensável e imoral descrever como ‘fracasso’ e ‘erro’ o exercício legítimo e soberano de um direito natural, a saber, o direito de resistência à tirania. Direito que nos lembra que toda ação contra um governo ilegal é uma ação legal (SAFATLE [Org], 2019, p. 16).

Safatle explicita mais do que apenas seu ponto de vista político nesse trecho; elucidada também quais são os atributos de Carlos Marighella que, em sua opinião, o compõe como personagem histórico. Ou seja, para o organizador do livro, o comunista baiano tem como legado principal sua ação proscrita e anti-sistêmica, cujo fim (instaurar

o socialismo) justifica o meio (o uso das armas). Essa é a imagem de totalidade de Marighella que o pensador tenta transmitir aos seus leitores, afirmando que a seleção de textos varia desde sua infância até sua maturidade, com o intuito de traçar cronologicamente o caminho que levou Marighella à luta armada (*Ibidem*, p. 14).

É importante ressaltar também que, embora não seja o objetivo central do livro, não há nenhuma crítica ao modelo de revolução adotado pelas guerrilhas urbanas brasileiras, inclusive a empreendida por Carlos Marighella. Em seu prefácio, o organizador defende que a reação ao fascismo deve ser necessariamente uma luta armada, aludindo com nostalgia a esses grupos. Contudo, há uma ausência de reflexão sobre as limitações que os guerrilheiros tinham na época, tais como a falta de uma teoria revolucionária – já que a revolução era condição e consequência do próprio ato revolucionário (RIDENTI, 2010, p. 42-3); do não enraizamento das agremiações nas massas trabalhadoras (*Ibidem*, p. 242-3); e da falsa hegemonia cultural e acadêmica que tais grupos pensavam deter (*Ibidem*, p. 94-5). Essas características foram apontadas por inúmeras pesquisas, tal como a realizada por Marcelo Ridenti em *O Fantasma da Revolução Brasileira* (*Ibidem*).

No escopo de reconstruir essa “versão” do militante comunista, Safatle seleciona uma vasta gama de textos, desde poemas de sua infância, passando pelo livro *Por que Resisti à Prisão* (MARIGHELLA, 1965), e desembocando nas teses de guerrilha do fundador da Ação Libertadora Nacional (ALN). Contudo, em sua escolha de escritos, o professor deixa de fora importantes contribuições teóricas e políticas da personagem, confeccionadas enquanto este era dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e até mesmo deputado federal. Alguns textos são de grande importância para se reconstruir o pensamento de Marighella e de seu partido na época, como por exemplo “A democracia está em marcha” (1945), no qual o dirigente pecebista afirma que o regime deve ser defendido pacificamente dentro da ordem da democracia burguesa (NOVA; NÓVOA, 1999, p. 551-3). Dessa forma, o filósofo cria – tomando como referencial o conceito de Pierre Bourdieu – uma “ilusão biográfica” (FERREIRA, 1996, p. 183-191). Isto é, a obra promove a falsa ideia da existência de uma continuidade sem rupturas na trajetória de Marighella, possibilitando a errônea compreensão de que ele sempre defendera a luta armada e o engajamento anti-sistêmico fora da política tradicional.

O livro conta com pouco mais de 300 páginas que reúnem textos do próprio Marighella, do organizador do livro, de Jorge Amado, Antônio Cândido e de Carlos Augusto Marighella (filho do fundador da ALN). Esses textos apendiculares são fundamentais, pois demonstram a relevância que Marighella e seus preceitos tiveram nos ideais da esquerda brasileira ao longo dos anos, além de servirem como divisórias aos assuntos do livro (poesia, cultura, resistência, estratégia guerrilheira, etc.). Safatle, por exemplo, é responsável por confeccionar um prefácio de cunho político, enquanto Antônio Cândido e Jorge Amado têm seus escritos utilizados como introdução ao livro *Por que Resisti à Prisão*. Já Augusto Marighella denota seus sentimentos familiares de admiração pelo pai no posfácio que escreve.

Os escritos de Carlos Marighella são diversos e, por isso, demonstram aspectos esparsos do pensamento do militante baiano, desde sua concepção de injustiça social, presente em alguns de seus poemas; a valorização da cultura popular e negra em outros poemas; sua aversão e condenação da ditadura militar de 1964 em *Por que Resisti à Prisão*; suas discordâncias com a linha tática e estratégica assumida pelo Comitê Central do PCB às vésperas e após o golpe de 1964, verificadas em sua “Carta à Comissão Executiva do Partido Comunista Brasileiro” (1966) e “Crítica às teses do Comitê Central” (1967); e sua conceituação de militância ativa e eficaz contra a ditadura no conjunto de textos que formam o capítulo denominado “A luta armada”. É importante assinalar, todavia, a ausência do livro *Mini manual do Guerrilheiro Urbano* (MARIGHELLA, 1969), cuja relevância é apontada por Mário Magalhães ao escrever que “Nenhum gesto ou palavra de Marighella o promoveu mundo afora como o opúsculo de 51 páginas datilografadas que ele concluiu em junho de 1969. O *Mini manual do Guerrilheiro Urbano* seria seu passaporte para a eternidade” (MAGALHÃES, 2012, p. 501). Portanto, uma reconstrução do pensamento guerrilheiro e anti-sistêmico de Marighella que não inclua tal obra acaba por tornar-se simplista, haja vista que se perde grande parte do ideário revolucionário que Marighella defendeu em seus últimos anos de vida.

Portanto, o livro organizado por Safatle possui grande relevância para reviver o “espírito” combatente e proscrito da esquerda nacional, como ele mesmo o afirma. Todavia, do ponto de vista teórico e historiográfico, possui lacunas que devem ser preenchidas, visando a reconstrução mais elaborada de Marighella. Outrossim, como foi

descrito por Braudel em 1958, Safatle opta por realizar um recorte no pensamento do marxista baiano, cujo significado é claro: a reação a situações política extremadas deve ser um combate extremado. Ou seja, em determinadas conjunturas, a esquerda deve se radicalizar. E é justamente essa a mensagem que Safatle tenta enviar a seus leitores – assimilando acriticamente grande parte desse pensamento radical –, através de uma seleção de textos de um dos maiores personagens do movimento comunista brasileiro.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos Sobre a História*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella: O Guerrilheiro Que Incendiou o Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARIGHELLA, Carlos. *Mini manual do Guerrilheiro Urbano*. São Paulo: 1969.

MARIGHELLA, Carlos. *Por que Resisti à Prisão?* Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.

NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge. *Carlos Marighella: O Homem Por Trás do Mito*. São Paulo: Unesp, 1999.

RIDENTI, Marcelo. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2010.